



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2024

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46229>

DOSSIÊ: CONTRADISCURSOR DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DE INTERAÇÃO

Mulheres multitarefas: sentidos em curso

Multitasking women: senses in flux

Les femmes multitâches : sens en cours

Maria do Rosario Alves

Leite¹

orcid.org/0000-0002-4982-1470

rosario.aleite@ufpe.br

Fernanda Correa

Silveira Galli¹

orcid.org/0000-0002-4499-2908

fernanda.galli@ufpe.br

Recebido em: 15 maio 2024.

Aprovado em: 29 ago. 2024.

Publicado em: 04 dez. 2024.

Resumo: Este artigo busca analisar os efeitos de sentido da formulação "mulheres multitarefas", com o intuito de refletir sobre o movimento de construção e desconstrução de discursos sobre divisão sexual do trabalho. Para tanto, lançamos as seguintes questões: (i) Como transitam os sentidos sobre divisão sexual do trabalho, a partir da qual se classificam as atividades laborativas de acordo com o gênero, numa dada formação discursiva atravessada pela ideologia patriarcal e de classes?; (ii) quais efeitos de resistência promovem a deriva de sentidos naturalizados socialmente? A presente reflexão se apoia na perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso pecheutiana, que tem como objeto histórico-ideológico o discurso, cuja materialidade específica é a língua. É a partir do trabalho de descrição e interpretação proposto por essa teoria materialista que buscamos compreender o funcionamento discursivo da formulação "mulheres multitarefas" em circulação na mídia digital, mais especificamente na revista *Cláudia on-line*. Com base na análise de três sequências discursivas, apontamos que os sentidos de/sobre "mulheres multitarefas" desfilam valores promovidos pelo capitalismo – que encobrem a exploração da classe trabalhadora, por meio da exaltação do trabalho excessivo como indicativo de capacidade intelectual e física –, mas também comportam a possibilidade de resistência.

Palavras-chave: mulheres multitarefas; divisão sexual do trabalho; discursos; ideologia; sentidos.

Abstract: This article seeks to analyse the meaning effects of the formulation "multitasking women", with the aim of reflecting on the movement of construction and deconstruction of discourses on the sexual division of labour. To this end, we pose the following questions: (i) how do meanings about the sexual division of labour, which classifies work activities according to gender, move in a given discursive formation crossed by patriarchal and class ideology?; (ii) what effects of resistance promote the drift of socially naturalised senses? This reflection is based on the theoretical-methodological perspective of pecheutian discourse analysis, whose historical-ideological object is discourse, the specific materiality of which is language. It is from the work of description and interpretation proposed by this materialist theory that we seek to understand the discursive functioning of the formulation "multitasking women" circulating in the digital media, more specifically in CLÁUDIA magazine online. Based on the analysis of three discursive sequences, we pointed out that the senses of/about "multitasking women" parade values promoted by capitalism – which cover up the exploitation of the working class by exalting excessive work as an indication of intellectual and physical capacity – but also include the possibility of resistance.

Keywords: Multitasking Women; Sexual Division of Labour; Discourses; Ideology; Senses.

Résumé: Cet article cherche à analyser les effets de sens de la formulation « femmes multitâches », dans le but de réfléchir au mouvement de construction et de déconstruction des discours sur la division sexuelle du travail. Pour ce faire, nous posons les questions suivantes : (i) comment les sens de la division sexuelle du travail, qui classifie les activités professionnelles selon le genre, se déplacent-elles dans une formation discursive donnée traversée par l'idéologie patriarcale et de classe?; (ii) quels effets de résistance favorisent la dérive



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Recife, Pernambuco, Brasil.

des sens socialement naturalisées? Cette réflexion s'appuie sur la perspective théorique-méthodologique de l'analyse du discours pecheutienne, dont l'objet historique-idéologique est le discours, dont la matérialité spécifique est la langue. C'est à partir du travail de description et d'interprétation proposé par cette théorie matérialiste que nous cherchons à comprendre le fonctionnement discursif de la formulation « femmes multitâches » qui circule dans les médias numériques, plus précisément dans le magazine en ligne CLAUDIA. En analysant trois séquences discursives, nous avons mis en évidence que les sens de/sur les « femmes multitâches » véhiculent des valeurs promues par le capitalisme – qui couvrent l'exploitation de la classe ouvrière en exaltant l'excès de travail comme un indice de capacité intellectuelle et physique – mais incluent également la possibilité de résistance.

Mots-clés : Femmes multitâches ; Division sexuelle du travail ; Discours ; Idéologie ; Sens.

Os padrões finais permanecem, no entanto, distantes da igualdade que tem sido buscada. Na política, no trabalho, no acesso a tempo, nas garantias à integridade física e psíquica, as hierarquias têm um componente de gênero identificável a olho nu (Biroli, 2015).

Considerações iniciais

A discussão sobre a divisão sexual do trabalho não é recente, permanecendo aquém da igualdade tão esperada e buscada socialmente, sobretudo pelas mulheres, conforme nos convida a refletir a epígrafe anteriormente apresentada. Trata-se de reflexão que circula na sociedade de forma atemporal, sem marcas territoriais ou culturais; está atrelada à formação ideológica patriarcal, a partir da qual se classificam as atividades laborativas de acordo com o gênero das pessoas. A divisão sexual do trabalho envolve situações do cotidiano, como o lugar da mulher nos espaços públicos e privados, a anatomia e a força física, a capacidade intelectual e de liderança, entre outros aspectos considerados inatos aos homens. Justifica-se, assim, a afirmação de que o processo de divisão sexual do trabalho relaciona-se ao lugar social, à posição de classe e de raça, provendo a exploração de um grupo em detrimento de outro (Biroli, 2018, p. 21).

Há uma desproporcionalidade quanto à divisão das responsabilidades e dos cuidados com o lar, com as crianças e com os idosos, fortemente marcada pelo gênero. A desigualdade extra-

pola os registros estatísticos, posto que esses correspondem parcialmente às reais condições sociais em que vive a maior parte da população. Tanto recenseadores quanto pesquisadores não alcançam integralmente os territórios habitados e habitáveis, contabilizando apenas o que se mostra possível, em certas condições de coleta e de registro de dados, em face dos desafios estruturais e humanos que se lhes apresentam no percurso.

Acrescentam-se a esse quadro outros elementos que contribuem para o cenário em desfavor das mulheres, a saber: a potência das hierarquias de gênero que se constituem no cerne das sociedades e a sobrecarga de atividades no seu cotidiano, acumulando responsabilidades dentro e fora dos lares. Essa distinção, entre atribuições masculinas e femininas, é exponencialmente aumentada ao conjugar-se com o gênero, a classe e a raça, posto que "[...] são as mulheres negras, acompanhadas de seus filhos, que integram a faixa mais pauperizada da população" (Biroli, 2018, p. 22).

Nessa perspectiva, este artigo busca analisar os efeitos de sentido da formulação "mulheres multitarefas", com o intuito de refletir sobre o movimento de construção e desconstrução de discursos sobre divisão sexual do trabalho. Buscamos, assim, refletir sobre as seguintes questões: (i) como transitam os sentidos sobre divisão sexual do trabalho, a partir da qual se classificam as atividades laborativas de acordo com o gênero, numa dada formação discursiva atravessada pela ideologia patriarcal e de classes?; (ii) quais gestos de resistência promovem a deriva de sentidos naturalizados socialmente sobre divisão sexual do trabalho? Para tanto, ancoramo-nos na perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso (AD) de viés pecheutiano, que tem como objeto histórico-ideológico o discurso, cuja materialidade específica é a língua. É a partir do trabalho de descrição e interpretação proposto por essa teoria materialista que compreendemos o funcionamento da formulação "mulheres multitarefas" em circulação na mídia digital, mais especificamente na revista feminina

*Cláudia*² on-line.

1 Sob a perspectiva teórica discursiva pecheutiana

Conforme já acenamos, o viés teórico-metodológico que embasa esta reflexão é o da análise do discurso (AD) pecheutiana, que se inscreve em um projeto político³ e tem como objeto o discurso, o qual relaciona estrutura e acontecimento e é atravessado pela ideologia. Demarcar o lugar de constituição dessa AD, segundo Ferreira (2010), é um modo de singularizá-la perante outros vieses de análises do discurso que circulam no meio acadêmico. Inaugurada com o AD-69, a AD fundada por Michel Pêcheux, no final da década de 1960, na França, se constitui pelo imbricamento de três grandes áreas, a saber: a linguística, por Saussure; o materialismo histórico, na releitura de Marx por Althusser; e a psicanálise, na retomada de Freud por Lacan. A AD pecheutiana, portanto, se caracteriza por um viés de ruptura epistemológica, à medida que suas bases estão ancoradas nas contribuições de três campos do conhecimento científico:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 163).

Orlandi (2001b, p. 38, 40), ao interrogar-se sobre como se apresenta o discurso, aponta que

ele é "sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, não pode se confundir nem com a evidência dos dados empíricos, nem com o texto", já que envolve a "conjugação necessária da língua com a história, produzindo a impressão de realidade". A noção de discurso em Pêcheux (1997b, p. 82) – como "efeito de sentidos entre os pontos A e B" ou entre interlocutores – está relacionada a uma concepção de realidade não empirista⁴. A sua teorização sobre as condições de produção do discurso tem como ponto de partida um questionamento referente a dois modelos computacionais, a saber: o reacional, "derivado das teorias psicofisiológicas e psicológicas do comportamento"; o informacional, "derivado das teorias da sociologia e de teorias psicossociológicas da comunicação" (Oliveira; Radde, 2020, p. 48).

Assim, a proposta de Pêcheux sobre as condições de produção do discurso avança e se funda numa elaboração que considera tanto os fenômenos linguísticos quanto a exterioridade, a história e a luta de classes, questões imbricadas e determinantes na e para a produção dos sentidos. Essa elaboração permite que "o discurso [seja visto] como um processo que se produz pela relação intrínseca entre a língua, a história e a ideologia" (Oliveira; Radde, 2020, p. 48). É, portanto, no discurso "que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito" (Ferreira, 2010, p. 1). Nessa medida, a leitura, a partir dos preceitos teóricos da AD, acontece pela observação das aderências históricas, no movimento de interpretação, na emergência dos sentidos, no questionamento sobre a ideologia.

² Destinada ao público feminino, a revista *Cláudia* é publicada pela Editora Abril desde outubro de 1961. É classificada pelos seus editores como feminina, com a promessa de abraçar o conceito editorial já adotado nos Estados Unidos, alguns países da Europa e Argentina, onde havia boa aceitação entre as leitoras (Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/>. Acesso em: 17 abr. 2024).

³ "Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visava combater o excessivo formalismo linguístico então vigente. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD buscava desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. [...] A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise" (Ferreira, 2010, p. 2).

⁴ "Fica bem claro, já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. [...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim por exemplo, no interior da formação econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo" (Pêcheux, 1997b, p. 81).

De acordo com Mittmann (2007), a história e a ideologia atravessam os discursos, os quais, em sua opacidade constitutiva, fazem emergir o que afirma Biroli (2018, p. 28): o "patriarcado como sistema político consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens". Conforme aponta o IBGE Notícias (2020), as brasileiras dedicam 21,4 horas semanais aos afazeres domésticos, enquanto os homens, apenas 11,0 horas. Ainda que estatisticamente se comprove que a jornada doméstica tem, em média, 70 horas semanais trabalhadas, excetuando-se o tempo usado para locomoção, é comum ouvirmos que "ela [a mulher] não trabalha, é apenas dona de casa", o que se tornou senso comum em nossa sociedade tomada pela ideologia capitalista. Logo, se a "dona de casa" não é remunerada, ela não é trabalhadora. Ao se desqualificarem as atividades com a manutenção do lar e com os cuidados da família, considerando-as exclusiva responsabilidade das mulheres, tem-se uma sobrecarga laboral e não remunerada imposta, numa sistemática de exploração de uma classe em relação a outra.

Segundo Pêcheux (2002, p. 53), "[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro". Assim, a adjetivação "multitarefa", atribuída àquelas mulheres que desempenham vários papéis em diferentes jornadas laborais, se apresenta ora como elogio ao empenho em cumprir horas intermináveis de trabalho, ora como titulação às pessoas dotadas de múltiplas habilidades que permitem executar mais de uma função simultaneamente. Afasta-se, assim, o sentido que desliza em direção à sobrecarga física e emocional, ao adoecimento e à exaustão, ainda que, de nossa perspectiva, o sentido não esteja dado, fechado, não exista como "[...] produto acabado, resultado de uma possível transparência

da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social [...]" (Ferreira, 2020, p. 257).

O movimento de sentido provocado pelo encontro da história com a ideologia aponta para a determinação dos processos de significação, avançando em direção às relações com o capital, o trabalho e a luta de classes, visto que o modelo econômico capitalista reforça o lugar de servidão destinado às mulheres e marca a exploração da força laborativa dentro e fora do lar, de forma continuada e acobertada pelo ideário patriarcal de controle patrimonial e seus desdobramentos. Por isso, convoca à reflexão sobre gênero nas relações trabalhistas, bem como ao questionamento acerca da manutenção, ou não, da ordem social vigente desfavorável às trabalhadoras, naturalizando e projetando construções sociais excludentes. Nessa medida, a noção de formação discursiva (FD) é fundamental para a compreensão dos sentidos, pois as FDs "representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (Pêcheux, 1997a, p. 147).

Ao serem interpelados pela ideologia, os indivíduos, constituídos em sujeitos de seu discurso, se submetem "à língua significando e significando-se pelo simbólico na história" (Orlandi, 2001a, p. 100). A ideologia, segundo Pêcheux,

[...] não se reproduz sob a forma de um *Zeitgeist* (isto é, o espírito do tempo, a "mentalidade" da época; os "costumes de pensamento", etc.) que se imporia de maneira igual e homogênea à "sociedade", como espaço anterior à luta de classes [...]. É impossível atribuir a *cada classe sua ideologia*, como se cada uma delas vivesse "previamente à luta de classes", em seu próprio campo, com suas condições próprias de existência e suas instituições específicas [...] (1997b, p. 144).

A ideologia funciona, assim, no interior dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE)⁵, e é por meio do processo de interpelação ideológica que "todos os indivíduos *recebem como evidente*

⁵ Pêcheux usa a nomenclatura adotada por Althusser (2023): a noção de aparelhos ideológicos do Estado (AIE), em livro homônimo, está diretamente relacionada à teoria marxista e sua percepção sobre as relações de força e de poder que se estabelecem na sociedade, através da ideologia. Ao se referir ao Estado, tomo-o como referencial quanto às capacidades coercitiva e normatizadora, mas também aponta outros aparelhos: a escola, a família, a religião. Considera, o autor, que as relações sociais se desenvolvem sob o poder de instituições que reforçam a luta de classes: no caso em análise, sob a égide do poder capitalista e patriarcal, que nega o caráter laboral das atividades domésticas, bem como o cuidado com os familiares postos sob a responsabilidade das mulheres, mas não exigidas dos homens, manifestando a luta de gênero pelo reconhecimento social, jurídico e, quiçá, remuneratório das referidas atividades.

o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles *querem* e do que *se quer* lhes dizer), enquanto 'sujeitos-falantes'" (Pêcheux, 1997b, p. 157). Na esteira dos sentidos que o signifiicante "multitarefas" emana, pulsa forte a historicidade, afinal não é recente a sobrecarga de atividades atribuídas às mulheres, as quais precisam conciliar as responsabilidades com a casa e os familiares conjuntamente à sua presença no mercado de trabalho. Estão em jogo, portanto, sujeitos e sentidos afetados pelo político e pelo ideológico, numa relação constitutiva entre língua e história, de modo que, segundo Orlandi (2001b, p. 68), "[...] a historicidade é o acontecimento do texto no discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele)".

2 Sob a perspectiva da historicidade

Com o levantamento de 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta os dados que traduzem a desigualdade entre os trabalhadores distribuídos por grupos de acordo com faixa etária, escolaridade, raça e gênero. Conforme o levantamento por domicílio realizado em todo o território nacional, foi possível identificar que, em meio à instabilidade econômica da última década, com a pandemia de Covid-19, instaurou-se a mais difícil crise sanitária e humanitária em escala mundial, provocando séria queda na renda familiar e reduzindo significativamente os postos de trabalho (IBGE, 2022).

Em circunstâncias tão adversas em relação ao segmento de gênero, as mulheres foram mais prejudicadas, seja pela sua menor participação no mercado de trabalho formal, seja pela sua forte presença em atividades domésticas e de cuidados em seu próprio domicílio, no de parentes ou no de outras pessoas com quem elas não têm vínculos familiares. Outro aspecto importante diz respeito à educação que, no caso das brasileiras, nas últimas duas décadas do século XX, sofreu mudanças significativas; consequentemente, houve uma ampliação de 18,5% para 55% de mulheres ativas economicamente.

Na contemporaneidade, elas já ultrapassam os homens em escolarização, ainda que com remunerações menores, apesar de desempenharem as mesmas funções, conforme revelam os dados do Censo (IBGE, 2022).

Não obstante as conquistas alcançadas ao longo do século passado, os afazeres domésticos são considerados específicos para as mulheres, assim como a orientação e o zelo com a prole e o cuidado com os idosos, entre outras atividades. Com a ampliação do trabalho remunerado fora do lar, além dos cuidados com a família – que não são assalariados –, há o deslocamento entre a residência e o local de trabalho, dificultando o ingresso em melhores postos de emprego e promovendo maiores desgastes físico e emocional. Embora o acesso à educação tenha operado mudanças na configuração social e as mulheres apresentem maior índice de escolarização que os homens, ainda persiste um distanciamento delas em relação aos lugares de comando e a salários melhores.

De acordo com o último recenseamento, há uma diferença salarial entre homens e mulheres em valor superior a 5,9%, com acumulado de 12,4% considerando o período a partir de 2019. Nesse mesmo ano, as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. Essa desigualdade de rendimentos do trabalho teve maior distinção entre as pessoas inseridas nos grupos ocupacionais que conferem funções de liderança, como diretores e gerentes, ou, ainda, entre pesquisadores e intelectuais, segmentos nos quais as mulheres receberam, respectivamente, 61,9% e 63,6% do rendimento dos homens (IBGE, 2022, p. 50). Observemos outros dados ainda sobre a organização social a partir dos salários e das remunerações:

[...] em 2021, o rendimento médio domiciliar per capita das pessoas brancas foi R\$ 1.866 enquanto das pretas ou pardas R\$ 949, tendo sido os menores observados em toda a série histórica. Em 2021, a população ocupada de cor ou raça branca ganhava, em média, 73,4% mais do que a de cor ou raça preta ou parda e os homens, 25,0% mais que as mulheres. [...] As pessoas pretas ou pardas ganharam a metade das pessoas brancas ao longo de toda a série. O arranjo domiciliar formado por mulheres

pretas ou pardas responsáveis, sem cônjuge e com presença de filhos menores de 14 anos, também foi aquele que concentrou a maior incidência de pobreza: 29,2% dos moradores desses arranjos tinham rendimento domiciliar per capita inferior a US\$ 1,90 e 69,5% inferior a US\$ 5,50 (IBGE, 2022, p. 28, 52).

As distorções se ampliam quando as informações estatísticas levam em consideração as questões de cor ou raça, como no Censo 2022, em que o IBGE – em seu relatório nomeado “Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2022” – apresentou alguns dados que exigem uma séria reflexão sobre o racismo estrutural, que se revela na base das relações sociais, reverbera no ambiente laboral e, conseqüentemente, na organização familiar. Embora o presente estudo não tenha como proposta a abordagem de cor ou raça, não foi possível ignorar ou ocultar informações tão relevantes numa discussão política.

No que diz respeito ao capitalismo, é preciso compreendê-lo para além da economia, já que ele é multifacetado; de igual modo, as questões que envolvem a discussão sobre o patriarcado não se detêm apenas ao plano político, sendo importante também destacar outras facetas, como tradições locais, influência religiosa, regime político, estrutura do trabalho masculino e seu poder aquisitivo, dentre outras. Ao negar que as mulheres tenham múltiplas jornadas e que esse acontecimento tenha conexão com a luta de classes, encaminha-se para a contradição, que oculta a força do trabalho doméstico no seio da sociedade, lançando-a à margem da economia e do mercado, privando as mulheres do acesso aos direitos básicos.

Desde o início da organização das relações trabalhistas, o capitalismo e o patriarcado apresentam-se unidos, estabelecendo uma relação simbiótica em favor dos homens. Federici (2021) nomeia “trabalho oculto” as atividades realizadas no cotidiano pelas mulheres, ou seja, o trabalho doméstico, que incide diretamente sobre o desempenho laboral dos demais participantes da família, contribuindo significativamente com o sistema de produção de riquezas da sociedade,

enquanto elas permanecem na invisibilidade.

Ainda que se apresente de forma diversa em razão da cultura ou da organização social, predomina a presença feminina nesse lugar de ocultamento e de silêncio. Em razão disso, ao longo da história, a naturalização referente à subalternização e à desqualificação de sua força de trabalho tem negado um lugar digno à mulher. Desse modo, tem-se sustentado a divisão capitalista do trabalho a partir da sexualidade, sob o domínio da ideologia do patriarcado. Sobre essa luta em prol da equidade, Federici refere:

Nossa força não vem do reconhecimento, por parte de alguém, de nosso lugar no ciclo da produção. Não é a produção que tem sido sempre o fator decisivo na distribuição social da riqueza, mas a força para detê-la. Quando dizemos que produzimos capital, dizemos que queremos destruí-lo, em vez de lutar [por] uma batalha perdida para sair de uma forma de exploração e entrar em outra (2021, p. 31).

A proposta de repensar as estruturas de trabalho capitalistas, assim como as instituições que lhes dão suporte, é uma etapa crucial para a busca por equidade entre homens e mulheres, ainda que um dos lugares de origem da desigualdade seja a família, cuja imagem idílica remete a um cenário pacífico e de afetos que, no entanto, tem-se apresentado como primeiro campo de embate entre cônjuges e entre esses e sua prole. Ao tratar com parcialidade os próprios filhos, sobrepondo responsabilidades às meninas em detrimento dos meninos, os adultos corroboram o modelo de servidão delas em relação a eles, desde a infância, reafirmando os preceitos patriarcais e do capital de exploração do trabalho feminino. Esse mecanismo de exploração tem origem no cerne da organização familiar, no qual o trabalho doméstico não remunerado se consolida e confirma os dados obtidos no Censo Brasil 2022, evidenciando a carga horária extra feminina.

Como bem aponta Biroli (2018, p. 44), a “divisão sexual do trabalho tem caráter estruturante”. Ela não é expressão das escolhas de mulheres e homens, mas constitui estruturas que são ativadas pela responsabilidade desigual de umas e outros pelo trabalho doméstico. Antes mesmo

da industrialização, as mulheres já desenvolviam dupla jornada ao assumirem o serviço doméstico em suas moradias e fazerem o mesmo junto a famílias com mais recursos econômicos. A tardia regulamentação do trabalho doméstico no Brasil, ocorrida na década de 40 do século XX, além de todo o arcabouço vigente, não tem sido suficiente para que as trabalhadoras tenham o tempo gasto em prol da família computado como jornada laboral, contribuindo, assim, para o descomedimento feminino e para a naturalização da condição de exaustão, sob o mascaramento de ser-lhe um atributo em razão do gênero.

Segundo Federici (2021, p. 157), em sua obra *O patriarcado do salário*, “[...] o trabalho doméstico como o conhecemos, é uma estrutura bastante recente, datada do fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX [...]”, marcação temporal que se coaduna com as mudanças no sistema laboral vigente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Isso se deve ao sistema patriarcal do salário, ou seja, a justificativa da retirada das mulheres das fábricas tem como argumento, por um lado, a possibilidade de dedicação integral às suas famílias; por outro lado, a melhoria salarial dos homens se justifica em função da posição de provedores por eles ocupada.

Tais medidas repercutiram em diversas esferas da sociedade, desenvolvendo novas estratégias que justificariam a permanência e a obrigatoriedade de ocupação nas atividades domésticas principalmente pelas mulheres, sob a ótica de que a dona de casa trabalha ao prestar assistência e cuidados aos familiares, daí ser dispensável a remuneração pela força dispendida. Tal percepção foi reforçada pela proposta de ‘salário de subsistência’ adotada no período posterior à Segunda Guerra (Federici, 2021, p. 158).

Nessa esteira de reflexão, apresentamos a seguir o material de análise formado por publicações em circulação na mídia digital, mais especificamente na revista *Cláudia on-line*, referentes às longas jornadas laborais femininas que

congregam horas de trabalho dentro e fora do lar, convocando-nos a refletir sobre o funcionamento discursivo da formulação “mulheres multitarefas”.

3 Sob a perspectiva dos sentidos em curso

De acordo com Orlandi (2001a, p. 9), o processo de produção dos discursos envolve três momentos importantes: a constituição (“a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo”), a formulação (“em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas”) e a circulação (“que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições”). Interessa-nos neste artigo, conforme já sinalizado, refletir sobre a formulação “mulheres multitarefas”, à medida que é na formulação que “a memória discursiva se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). [...] a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização” (Orlandi, 2001a, p. 9, 11).

Nessa perspectiva, o nosso *corpus* analítico⁶ se constitui da leitura do arquivo⁷ composto por três edições da revista *Cláudia* em sua versão *on-line* e gratuita: março de 2020, julho de 2021 e maio de 2023. As publicações da *Cláudia* têm periodicidade mensal, são produzidas e distribuídas pela Editora Abril, desde 1961. Em comemoração aos sessenta anos de existência, foi produzida uma edição especial, publicada em outubro de 2021, com algumas informações compartilhadas sobre o seu legado jornalístico. Nessa edição comemorativa, há informações consideradas relevantes pela equipe de edição, como o uso da imagem da atriz italiana Sophia Loren estampando a primeira edição, apontando que aquela publicação deu início à trajetória da revista. Segundo D'Ercole (2021), “Na época, as mulheres começavam a falar sobre carreira e direitos sem deixar de lado o cuidado dos filhos e da casa”.

⁶ “[...] um conjunto de sequências discursivas estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das condições de produção do discurso” (Courtine, 2022, p. 54).

⁷ “[...] construído pelo gesto de interpretação do analista – pelos recortes efetuados diante das distintas materialidades, transformadas em corpus discursivo, objeto de análise” (Ferreira, 2020, p. 30).

Em razão do predomínio das fotonovelas durante a década de 1960, a editora desejava atrair um público leitor que visse a publicação como um espaço de diálogo, o que levou o então diretor de arte a ir até as bancas para conversar com os jornaleros e as compradoras. A busca era por uma revista que mesclasse temáticas consideradas de maior interesse pelas mulheres que passavam a ocupar os espaços públicos, porém sem afastar-se daquelas que permaneciam nas atividades de cuidado com os familiares. Com essa proposta, *Cláudia* tem passado por diversas mudanças tanto no *layout* quanto nas formas de abordagem temática, mas na organização de suas colunas ainda persistem alguns traços que sinalizam que ser uma publicação voltada para o público feminino demanda, necessariamente, abordar questões voltadas para a administração do lar, a exemplo da seções sobre culinária (*Cláudia Cozinha*), jardinagem (*Casa Cláudia*), moda (*Lifestyle*), em detrimento de outras pautas voltadas à economia e às finanças em geral, bem como à política e à tecnologia, por exemplo.

Ao tocar em temas que remetem a um lugar social predeterminado para as mulheres – no caso, o espaço doméstico –, o ritual ideológico vinculado ao patriarcalismo invoca o funcionamento do pré-construído, que "corresponde ao já-dito, e é determinado pela interpelação ideológica fazendo com que o discurso produzido na formação discursiva pareça uma evidência inquestionável, uma vez que a ideologia não é pessoal, mas, sim, social" (Costa; Guimarães, 2020, p. 162). No movimento de análise da materialidade discursiva, consideramos a opacidade da materialidade linguística e nos atentamos para os ditos e os não ditos, para o que emerge e para o que escapa, para o que falta e, ao mesmo tempo, comparece como efeito de sentido via memória discursiva.

Recortamos para nossa análise tanto a formulação "mulheres multitarefas", no plural, quanto "mulher multitarefa", no singular, presentes nos títulos das matérias veiculadas na revista *Cláudia*

on-line entre 2019 e 2023, o que resultou em três sequências discursivas (SD) que são descritas e analisadas a seguir. A partir de Orlandi (1984, p. 14), compreendemos que o trabalho com sequências discursivas envolve o exercício do recorte, o qual se constitui como "fragmento de uma situação discursiva" que compreende, sobretudo, as condições de produção e a circulação da materialidade discursiva. É, portanto, na situação discursiva que os ditos e os não ditos se "delimitam mutuamente" (Orlandi, 1984, p. 17, 20) e, "em certas condições de produção, há a dominância de um sentido possível sem por isso se perder o eco dos outros sentidos possíveis".

Vejamos a primeira SD:

SD1 – "Somos multitarefas, defende Carla Assumpção, CEO da Swarovski"⁸.

A matéria que traz como título "Somos multitarefas, defende Carla Assumpção, CEO da Swarovski" coloca em circulação o diálogo entre duas executivas – Carla Assumpção, CEO da Swarovski, e Nadir Moreno, CEO da UPS – sobre a "importância de se impor como mulher nos locais de trabalho". Esse tema foi abordado durante o Fórum Cláudia 2019, que visava discutir a necessidade de não se masculinizar nos ambientes em que atuam. Segundo a executiva da rede de acessórios em cristais, as mulheres são capazes de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, característica que ela considera ser um dom (Da Redação, 2019).

Nessa posição-sujeito de quem diz o que diz, de quem formula em dado momento, a executiva se inscreve em uma formação discursiva patriarcal, que atribui à mulher responsabilidades com a família independentemente de outras atribuições por ela assumidas, num movimento de contradição em que a capacidade múltipla não repercute na remuneração, nem mesmo no reconhecimento como atividade laboral. Esse posicionamento remete a um pré-construído sobre a desinência de gênero, reforçando o lugar

⁸ Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/carreira/somos-multitarefa-defende-carla-assumpcao-ceo-da-swarovski/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

da mulher como responsável pelo lar, fazendo retornar os já-ditos sobre essa condição feminina naturalizada socialmente.

Por outro lado, no entrecruzamento de gênero e classe social, os sentidos deslizam: inscritos numa formação discursiva colonial⁹, fazem vir à tona o efeito de que as mulheres mais vulneráveis economicamente ofereciam seus serviços de cuidados às mulheres brancas em troca de baixas remunerações ou apenas de provisões para o sustento da prole, que ficava sob a responsabilidade de alguma vizinha ou parente, ou era levada para o local de trabalho, rotina que dava início às atividades domésticas também por parte das crianças, sobretudo das meninas.

Ou seja, para que a executiva possa ocupar o lugar social de CEO de uma marca renomada, outras mulheres assumem os papéis que ela afirma desenvolver no seu cotidiano, para que ela possa se dizer uma "mulher multitarefa". A memória retorna e funciona de modo a organizar a repetição e provocar o apagamento de sentidos, o que faz com que os elementos de saber da formação discursiva possam regular o "deslocamento de suas fronteiras", conforme coloca Orlandi (2001a, p. 11). Assim, "os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam", continua Orlandi (2001a, p. 12); no caso em análise, os sentidos se constituem a partir da textualização das publicações em circulação na mídia digital, mais especificamente na revista *Cláudia on-line*.

Vejamos a segunda SD:

SD2 – "5 acessórios de iPhone para mulheres multitarefas no trabalho"¹⁰

Na matéria que coloca em circulação uma campanha publicitária sobre acessórios para

iPhone, a formulação "mulheres multitarefas" emerge num processo de categorização e produz a ilusão de que trabalhar exaustivamente, assumindo múltiplas responsabilidades num mesmo espaço temporal, é indicativo de sucesso profissional para as mulheres. Nessa perspectiva, o mercado de eletrônicos se dispõe a contribuir com a oferta de itens acessórios que, agregados ao iPhone, contribuirão para obtenção de resultados mais significativos e melhor desempenho diário: "Trabalhar hoje em dia exige cada vez mais agilidade e praticidade, principalmente quando se trata de mulheres que são mães, esposas e ainda têm outras atividades fora do ambiente profissional" (Da Redação, 2023).

Encobre-se, assim, a dinâmica de conciliar vida profissional e pessoal sob a máscara do mercado, a partir do uso da tecnologia de alto nível (da marca Apple) como ferramenta para otimizar o tempo e ampliar a produtividade feminina, discurso que se inscreve numa formação discursiva capitalista atravessada pela patriarcal, visto que os homens podem fazer uso dos mesmos recursos para executar bem menos atividades, como mostram os dados do Censo 2022. Oculta-se, também, o percurso íngreme pelo qual as trabalhadoras transitam até alcançarem os cargos mais bem pagos na carreira, aqueles que lhes proporcionam as condições econômicas necessárias à aquisição de um aparelho eletrônico com alta tecnologia. Omite-se que, mesmo ocupando as mesmas funções, elas não receberão, necessariamente, os mesmos salários ou as mesmas titulações nas empresas, apesar de a legislação brasileira garantir paridade salarial entre homens e mulheres¹¹.

Desse modo, emergem discursivamente efeitos de um imaginário estabilizado sobre diferença de gêneros e produtividade; ainda, um desloca-

⁹ A compreensão dessa noção se dá a partir das reflexões de Federici (2017) sobre a família branca, europeia, que ocupa um lugar de privilégio, enquanto negros(as) e africanos(as) passam a ser sinônimo de escravizados(as), ocupando um espaço de inferioridade na vida em sociedade. Essa estratégia se consagrou como mecanismo de dominação, a fim de conservar o poder hegemônico do invasor do território brasileiro, no século XVI. Essa estrutura do escravismo colonial se identificou com o capitalismo hodierno, por reforçar uma sociedade estratificada a partir das dimensões de raça, criando uma condição de superioridade com objetivo de ampliação e consolidação de riquezas sob o controle de uma minoria predominantemente, se não exclusivamente, masculina.

¹⁰ Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/trabalho/5-acessorios-de-iphone-para-mulheres-multitarefa-no-trabalho/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

¹¹ Garantia legal de pagamento de valores salariais iguais a mulheres e homens que desenvolvam as mesmas funções. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 8 mar. 2024.

mento na rede de sentidos: os discursos sobre ser mulher e não homem multitarefa se inscrevem na língua como efeito da luta de classes e do equívoco na/da história. A estabilidade se marca, então e somente, como "efeito imaginário que faz funcionar 'gêneros naturais' dotados de 'diferença sexual', determinada, inclusive, por posições diferentes em relação à ideia de 'produtividade'" (Galli; Biziak, 2021, p. 18).

Vejamos a terceira e última SD:

SD3 – "Escritora mostra saída para ideia nociva de que 'mulher é multitarefa'"¹²

A formulação "mulher é multitarefa" está no título da matéria cuja abordagem aponta que o machismo afeta diferentes áreas da vida das mulheres, principalmente ao atribuir-lhes responsabilidades que extrapolam seu tempo disponível, sob a justificativa (em geral, de forma elogiosa) de que elas têm habilidades para conciliar muitas atividades simultaneamente, mascarando a sobrecarga de trabalho e o risco de exaustão física e mental. Nessa SD, a formulação apresenta uma outra textualização: o título traz a presença do verbo "ser" ("mulher **é** multitarefa"), diferentemente das outras SDs em que o substantivo mulher é adjetivado ("mulheres multitarefas"). No entanto, na relação entre o dito e o não dito, a mulher, que poderia ser tantas outras coisas, é multitarefa, de maneira que se mantêm os sentidos de sobrecarga de trabalho e de polivalência que emergem nas demais SDs, características incontestáveis das mulheres.

Ainda no que diz respeito à estabilidade de sentidos, a formulação nos permite compreender a mulher como trabalhadora que desenvolve funções para além de suas atribuições usuais, que combina jornadas múltiplas de trabalho, dentro e fora do lar, sob a égide da ideologia de que as atividades de cuidado com o lar e os familiares são deveres dela. No plano da estrutura linguística, o significante "multitarefas" é formado pelo prefixo

"multi-", cuja ideia de valências múltiplas, em articulação com o nome "tarefa", provoca, no plano do discurso, o efeito de sentido de possibilidades de execução simultânea de diferentes ações, de execução imediata e contínua de atividades. No processo de constituição dos sentidos, "mulher é multitarefa" se inscreve na história, de modo que a memória discursiva intervém e, no confronto do simbólico com político, emerge o deslizamento de sentidos, a resistência se instala.

Ao colocar em circulação uma matéria que classifica como nocivo o excesso de trabalho feminino, a equipe editorial da revista *Cláudia* se contrapõe¹³ às edições anteriores e abre brechas para uma outra compreensão sobre a formulação "mulher é multitarefas", textualizada como "ideia nociva" da qual a mulher pode e precisa se libertar. Nessa perspectiva, a presença do verbo "ser" na formulação produz efeitos de liberdade (mulher é... mulher pode ser...), deslocando sentidos naturalizados (de inferioridade, de submissão, de controle, de limitação, de exploração) relativos à divisão sexual do trabalho, produzindo ecos de possibilidades outras, quais sejam: mulher é revolução, mulher é luta, mulher é determinação, mulher é autonomia, mulher é resistência... mulher é/pode ser o que ela quiser ser!

Considerações finais

Ao observarmos o movimento dos sentidos nas três SDs analisadas, é possível refletirmos sobre a luta das mulheres por equidade em diversos campos da vida em sociedade, o que faz vir à tona as tão presentes desigualdades das relações e dos direitos das mulheres. Embora seja um desafio para as mulheres a conciliação entre os vários lugares que desejam ou necessitam ocupar na sociedade e o tempo que têm disponível, houve um período em que foram lançadas às margens do mercado de trabalho em razão da insatisfação masculina que lhes atribuía a responsabilidade pela precariedade

¹² Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/mulher-multitarefa/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

¹³ A contradição, em AD, é entendida como fundante e, "juntamente à interpelação do sujeito – esta vista como um ritual marcado pela falha – nos conduzem não apenas ao assujeitamento, mas, também, aos movimentos de reprodução/transformação e de resistência." (Pruinelli, 2020, p. 254).

salarial. A elas foram atribuídas certas avaliações desfavoráveis, como a inabilidade em executar as atividades domésticas que lhes competiam, posto que o trabalho nas fábricas tinha-lhes subtraído dos lares; como consequência, os respectivos maridos buscavam em bares e na bebida o consolo pelo abandono, gerando crises domésticas e, por conseguinte, fragilizava-se a Nação (Federici, 2021, p. 161).

Por isso, "há a formulação e a circulação de sentidos sobre 'igualdade de gênero', 'reconhecimento da mulher', e assim por diante" (Galli; Biziak, 2021, p. 17). Sabemos que há discursos que perduram há anos, como a aquiescência com a diferença salarial entre homens e mulheres, o que, entre outras justificativas, se apoia na alegação de que eles são os provedores da família, enquanto elas precisam dedicar-se ao lar de forma integral para manter a harmonia conjugal e a segurança da prole. Logo, se optam por trabalho fora do espaço privado, submetam-se às regras impostas pelo mercado, numa explícita manifestação do patriarcalismo que permeia as relações trabalhistas há séculos, como argumenta Federici:

Por isso não surpreende que, a partir dos anos de 1840, relatórios e mais relatórios comessem a recomendar que as mulheres casadas tivessem sua jornada de trabalho nas fábricas reduzida para lhes permitir realizar suas obrigações domésticas e que os empregadores se abstivessem de contratar mulheres grávidas. [...] Daí a expulsão gradual das mulheres e das crianças das fábricas e a introdução do salário familiar, a instrução das mulheres nas virtudes da vida doméstica; em resumo, um novo regime reprodutivo e um novo "contrato social" que na época da Primeira Guerra Mundial havia se tornado a norma dos países industriais (2021, p. 165-166).

Seja como mecanismo de controle dos corpos e da vida das mulheres, seja pela exploração da sua força laboral, as SDs analisadas – inscritas em formações discursivas atravessadas pela ideologia patriarcal e de classes – fazem transitar sentidos que se deslocam para, minimamente, duas direções: (i) a forte presença do autoritarismo masculino, por meio do patriarcado, nas diferentes configurações familiares que são encontradas

na sociedade contemporânea; (ii) o abuso pelo regime capitalista da mão de obra feminina, de forma direta nas relações de trabalho e indireta na distribuição dos lugares sociais de poder. Os sentidos de/sobre "multitarefas" desfilam os valores promovidos pelo capitalismo, que encobrem a exploração da classe trabalhadora por meio da exaltação do trabalho excessivo como indicativo de capacidade intelectual e física, bem como da falsa expectativa de enriquecimento.

No entanto, os efeitos de resistência¹⁴ emergem e promovem a deriva de sentidos naturalizados socialmente sobre divisão sexual do trabalho, sobre o lugar da mulher na sociedade, sobre a não possibilidade de a mulher ter voz e discursivizar suas próprias demandas. A partir das SDs analisadas, sobretudo a SD3, a resistência comparece no confronto, "na negação de determinados saberes, permitindo o ecoar das distintas vozes, movidas pela contradição" (Pruinelli, 2020, p. 255). Dito de outro modo, a formulação "mulher é multitarefa" como "ideia nociva" rompe com os saberes hegemônicos estrutural e socialmente instituídos, abrindo brechas para a falha no fio discursivo. Assim, contraditoriamente, reprodução e transformação constituem as relações de produção, conforme propunha Pêcheux (2014, p. 4): seja pela "resistência a essa reprodução", seja pela "tendência revolucionária à transformação das relações de produção".

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. Uma posição desigual: mulheres, divisão sexual do trabalho e democracia. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/06/uma-posicao-desigual-mulheres-divisao-sexual-do-trabalho-e-democracia/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BRASIL. *Consolidação das leis do trabalho*. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 8 mar. 2024.

¹⁴ Na perspectiva a análise do discurso pecheutiana, resistir "é trabalhar o historicamente previsível por outras vias, inscrevendo, no fio do discurso, diferentes trajetos interpretativos" (Pruinelli, 2020, p. 254).

CISNE, Mirla; IANAEL, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 191-201, maio 2022.

COSTA, Isaac; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Interdiscurso/ Intradiscurso. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso*. ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020. p. 161-166.

COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político: o discurso político endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

D'ERCOLE, Isabella. Como a maior revista feminina do país revolucionou o conteúdo para mulher. *Revista Cláudia*, Rio de Janeiro/São Paulo, 16 out. 2021. Seção Sua Vida. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/60-anos-claudia-veja-a-historia-da-maior-revista-feminina/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

DA REDAÇÃO. 5 acessórios de iPhone para mulheres multitarefas no trabalho. *Revista Cláudia*, São Paulo, maio 2023. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/trabalho/5-acessorios-de-iphone-para-mulheres-multitarefa-no-trabalho>. Acesso em: 17 abr. 2024.

DA REDAÇÃO. Somos multitarefas, defende Carla Assumpção, CEO da Swarovski. *Revista Cláudia*, Rio de Janeiro/São Paulo, mar. 2019. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/carreira/somos-multitarefa-de-fende-carla-assumpcao-ceo-da-swarovski>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Rio de Janeiro/Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636/17316>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso*. ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020.

GALLI, Fernanda Correa Silveira; BIZIAK, Jacob dos Santos. Educação e produtividade em tempos de pandemia: discursos e sentidos em mídias digitais. *Linguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 24, p. 4-26, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: Coordenação de População e Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro, 2022.

IBGE NOTÍCIAS. *Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas*. Rio de Janeiro, jun. 2020. Press Release. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-a-os-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MITTMANN, Solange. Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

OLIVEIRA, Alex Sander de; RADDE, Augusto. Condições de produção. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso*. ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020. p. 48-50.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, Eduardo. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba: Fiube, 1984. Série Estudos 10.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997b. p. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Trad. Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. *Décalages*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/ano/mes/40.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997c. p. 163-252.

PRUINELLI, Andréia. Resistência. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso*. ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020. p. 254-256.

Maria do Rosario Alves Leite

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPE), mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especialista em Literatura Infantojuvenil pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e licenciada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora das redes públicas municipal de Recife/PE e estadual de Pernambuco. Realiza pesquisa sobre gênero e discurso jurídico, relações de gênero e educação, defesa dos direitos da mulher e políticas públicas, sob a ótica da análise materialista do discurso.

Fernanda Correa Silveira Galli

Graduada em Letras pela Unesp/Assis (1997), mestra em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa pela Unesp/Assis (2002), doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/Unicamp (2008), com estágio-sanduiche na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (2007), pós-doutora em Ciência da Informação e Comunicação pela FFCLRP/USP (2012) e em Estudos Linguísticos pelo Ibilce/Unesp (2018). Desenvolve pesquisas no campo da análise do discurso de linha francesa, mais especificamente sobre discursos na/da contemporaneidade, arte, tecnologias, mídias digitais.

Endereço para correspondência

FERNANDA CORREA SILVEIRA GALLI

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Artes e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras

Avenida da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária,
50740530

Recife, Pernambuco, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.